



#todostemoshistorias



Este ano o #rocknlaw2017 apoia as pessoas sem-abrigo com doença mental. Vamos contar as vitórias delas, que, com a ajuda da AEIPS, hoje têm casa e trabalho. Vão à página oficial do Rock'n'Law e partilhem as histórias e os rostos porque #todostemoshistorias. Os músicos do #rocknlaw2017 também contam as deles! Parece que os advogados às vezes também sabem tocar e cantar!



Dário Arnold Teixeira
44 anos
Santos-o-Velho

Se há palavra que explica como é que alguém dá por si a dormir na rua, é o isolamento. Da família, em primeiro lugar. Amigos a seguir. Até aos 27 anos, o Dário, filho de mãe inglesa e pai português teve uma vida difícil mas integrada. Aos 14 anos regressou a Portugal para viver com o pai. Não falava português. O pai viveu mais três anos. Depois, deu por si a trabalhar na empresa da família, uma oficina onde se entretinha a fazer o que mais gosta e ainda hoje sonha fazer: mecânica.

O calvário começa aos 27 anos quando a empresa vai à falência e fica sem emprego, na rua. Começou a frequentar o Casal Ventoso, onde a Acção Social distribuía comida. “Nós chamávamos à carrinha Pica-Pau. Tínhamos direito a tudo! Sopa, prato, arroz doce. Eh pá! Era tão bom aquilo! Só era pena é que era no Casal Ventoso”. **Começaram as más companhias.** “Estava triste e refugiei-me na droga. Nunca tinha experimentado até àquele momento. Fumava crack, injetava cocaína e heroína. Até aos meus 30 anos. Aí deram-me uma semana de vida se não parasse e meti-me na metadona. Vivia praticamente no Casal Ventoso”.

A espiral descendente começou. Entre trabalhos que segurava à conta de disfarçar as ressacas, dormia na rua, em albergues, onde desse. “Uma vez acordei emparedado! Não sabe o que é emparedado?! É acordar encostado a tijolos sem conseguir sair. Como faziam na idade média, como castigo, matavam-nas assim, emparedavam-nas. Tive de avisar o pedreiro. Chamei-o quando o senti perto. Perguntei se o guarda já tinha ido embora, para poder mandar aquilo abaixo, porque o cimento ainda estava fresco. Foi uma experiência assustadora porque podia ser preso ou morto.”

A bonança a seguir à tempestade chegou com a #aeips. “Apareceu-me a Dra. Inês, com uma cara tão simpática e eu desconfiei que era bom demais. Pedi uma semana para pensar!”, conta a rir à gargalhada. Hoje é vê-lo à pesca, ali por Algés ou ao pé do Urban Beach. “O meu dia-a-dia é andar pelo rio à pesca, de bicicleta. Se for um peixe pequenino eu devolvo ao rio. Se for grande, faço filetes fritos! Vou à noite porque não tenho licença. Quando vêm na praia de Algés, eu escondo a cana e bronzeio-me. Mas meto sempre protetor nas costas” “Nunca estou sozinho!”, conta Dário. E namoradas? “Ihhhh pa... não tenho sorte nenhuma, as portuguesas são umas engonhadas. Tens que as tratar com carinho! Não tenho paciência para isso! As mulheres é que têm de saber o que querem de um homem, não é?!”.